



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA

PRESIDÊNCIA

DA REPÚBLICA

RESPEITO E SIMPATIA ENTRE ESTUDANTES E CHEFE-DE-ESTADO

DISCURSO PROFERIDO EM FLORIANÓPOLIS, A 5 DE DEZEMBRO DE 1968, COMO PARANINHO DA TURMA DE FORMANDOS DA FACULDADE DE FARMÁCIA E BIOQUÍMICA, DA UNIVERSIDADE DE SANTA CATARINA.

Jovens formandos:

A que devo a honra deste patronato?

Não decorre tal indagação de uma espécie de faceirice do espírito, que a muitos homenageados, satisfeitos de honraria como esta, levou a indagar da razão da homenagem, como se a não conhecessem e em muitos casos, não a houvessem pleiteado. Faço-a com a disposição sincera de obter uma resposta. Fi-la recentemente em Minas Gerais, paraninho que fui de uma brilhante turma do Colégio Técnico Universitário de Juiz de Fora. Como, em tais circunstâncias, ao que indaga se reserva a tarefa de responder à indagação, tentei ali — e tento agora em Santa Catarina — esclarecer a situação em que nos defrontamos, estudantes e Chefe-de-Estado, não em conflito, mas numa permuta de respeito e simpatia que sugere alguma reflexão.

Governar é, em grande parte, compreender. Reformulo a indagação: existira, de fato, ou chegou a existir em algum momento, no Brasil e neste Governo, um conflito entre o Chefe-de-Estado e a Juventude Universitária?

Respondo que não, prontamente, porque conflito pressupõe a existência de ânimo beligerante, em ambas as partes, o que exclui desde logo, em cada uma, a possibilidade de compreensão das razões pelas quais a outra luta e persegue a vitória.

De minha parte, sempre entendi os episódios isolados em que grupos estudantis se declararam em rebelião diante do Governo, como o resultado da extremação de atitudes a que estão sujeitas as minorias em quase todas as comunidades. Destas mesmas minorias, no entanto, declarei não desdenhá-las, nem as encarar com desestima, pois eleito para ser o Presidente de toda a Nação, jamais admitiria converter-me

no Presidente de um certo número de brasileiros. Sempre as compreendi como a outra face de uma ampla maioria de jovens, prevenida por instinto e formação contra os exploradores profissionais de sua generosidade, mas igualmente inquieta diante do futuro, insatisfeita com os meios e métodos que lhe eram oferecidos para o aprimoramento do espírito e a preparação para a vida.

Como haveríamos nós, homens de Governo, de traduzir essa inquietação por hostilidade ao Estado, se em nós também ela fermentava, embora procurando outras formas de expressão?

Os protestos dos moços não se dirigiam a nós, individualmente, mas a um Brasil entorpecido, desigual na distribuição de progresso e pobre no conjunto; a um Brasil que nós também desejamos ver renovado e enriquecido, correspondendo ao sonho de grandeza de seus filhos. A única diferença consiste em que nós traduzíamos nossa inconformidade em projetos governamentais como o programa estratégico de desenvolvimento e nos lançávamos à sua execução; e os estudantes canalizavam seu descontentamento, convertendo-o em reivindicações por um ensino melhor, por um sistema universitário compatível com suas aspirações e com as necessidades do País.

A que devo, pois, a honra deste patronato, se não ao fato de haver compreendido desde o primeiro instante o significado das vozes da juventude? Antes mesmo de eleito, já repercutiam elas em meu espírito, como um chamamento imperioso a que deveria eu corresponder com muito trabalho, se chegasse, como cheguei, à Chefia do Governo.

Nos seminários que organizei para melhor avaliar o nível alcançado pela gravidade dos nossos problemas, a questão educacional figurou em primeiro plano e a velha questão dos excedentes das Universidades foi uma das primeiras preocupações levadas por mim para o Palácio do Planalto, onde reuni os reitores de quase todo o País para tentar uma solução, muito antes que começasse a ganhar a praça pública o conjunto das reivindicações estudantis.

Por isso mesmo, quando em julho deste ano assinei o decreto que instituiu o Grupo de Trabalho da Reforma Universitária, pude assinalar que não praticava ato de oportunismo, embora no caso se justificasse a ação desencadeada pelo império da circunstância. Com esse ato, corri ao encontro de uma aspiração que já se manifestara com alguma veemência nos meios universitários, mas dei também consequência a uma velha convicção pessoal: igualmente entre nós, apesar de sermos uma Nação jovem, a concepção napoleônica de uma universidade autoritária e centralizada tornou-se instituição perempta, como o Ministro Edgard Faure declarou haver ocorrido na França.

Era preciso adaptar o ensino universitário às nossas necessidades de País em construção, insuflar-lhe a filosofia do desenvolvimento, animá-lo com o espírito do progresso de que se fez a juventude em to-

do o Mundo, mas principalmente onde é jovem a própria Nação, o arauto mais enérgico e expressivo. Por conta dessa missão instintiva e transcendente, aproveitadores tentaram a subversão da ordem, sem lograr em nenhum momento qualquer dos dois objetivos imediatos: obter a adesão da maioria esmagadora dos moços ou levar-nos a confundir semelhante empresa com os reclamos legítimos da massa estudantil.

Volto a afirmar, portanto, que conflito jamais houve e jamais haverá entre o Chefe-de-Estado e a juventude universitária e compreendo porque me foi dada a honra de ser o patrono dos formandos da Faculdade de Farmácia e Bioquímica da Universidade de Santa Catarina.

Ao invés de conflito, existe entre os estudantes e o Governo um ponto para o qual convergem nossas aspirações básicas em relação ao futuro. Neste ponto, situa-se a Reforma Universitária, que agora vos anuncio como praticamente concluída em sua estrutura legal, graças à colaboração que a tempo nos deu o Congresso, votando as leis que lhe propusemos e que já se acham em fase de regulamentação.

Por coincidência feliz, as turmas que estão concluindo hoje o seu curso abraçaram duas das carreiras consideradas prioritárias para o desenvolvimento econômico e social, e que receberam por isso atenção especial nos estudos preliminares da reforma.

Se vos retirais da Universidade no momento em que ela vai mudar de estrutura e espírito, para melhor atender às exigências do País e do tempo, em compensação ides trabalhar em uma das áreas cuja cobertura foi incluída entre as metas mínimas da expansão do ensino superior em 1969.

Louvo essa preferência e desejo que, com ela, cada um de vós haja escolhido também o caminho da felicidade pessoal.